

## LIÇÕES DE ABRIL: CONSTRUÇÃO DE AUTORIA ENTRE OS PATAXÓ DE COROA VERMELHA \*

América Lúcia Silva CÉSAR

**RESUMO** *Este texto apresenta pesquisa na área da Lingüística Aplicada em sua interface com a Antropologia, realizada entre os Pataxó de Coroa Vermelha, no período das comemorações dos 500 anos do Brasil. O trabalho, que resultou na tese de doutorado intitulada Lições de abril: construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha, tem o seu foco nas relações entre indígenas e não-indígenas e tenta redefinir a autoria, deslocando-a das concepções teórico-estéticas tradicionais, para enfatizar o seu caráter político. Numa perspectiva metadiscursiva, discute-se também o trabalho do pesquisador, destacando-se algumas questões de ética e metodologia de pesquisa no campo aplicado.*

**ABSTRACT** *Lições de abril: Authorship construction among the Pataxó of Coroa Vermelha. This text presents a research project conducted in the area of Applied Linguistics in its interface with Anthropology. Data was generated among the Pataxó of Coroa Vermelha during the period involving the celebration of Brazil's 500 years. This study which results in a doctoral thesis, focus the relationship between indians and non-indians in that period and attempts to redefine authorship rather than endorsing traditional concepts which link authorship to writing or to theoretical aesthetic relations. This work emphasizes its political aspect. From a metadiscursive perspectiva, the researcher role is also analysed and discussed, particularly concerning some ethical matters and methodological research procedures in applied domains.*

### 0. INTRODUÇÃO

No processo de preparação e realização das chamadas comemorações dos 500 anos do Brasil, no complicado jogo de interesses e expectativas envolvidos na

---

\* Texto resultante da Tese de Doutorado, apresentada ao Curso de Lingüística Aplicada, do Instituto de Estudos da Linguagem da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), no dia 22 maio de 2002, sob a orientação do Prof<sup>o</sup>. Dr<sup>a</sup>. Marilda do Couto Cavalcante.

(re)construção dos fatos históricos<sup>1</sup>, a Aldeia Pataxó de Coroa Vermelha (item 1) torna-se palco de embates que ganham uma visibilidade extraordinária para além do circuito local, com sérias repercussões na sua organização material, social e política. A implantação do projeto governamental para as comemorações em Coroa Vermelha representou significativas perdas na paisagem, na memória e nas redes de relações entre as pessoas do lugar. No entanto, envolvidos na complexidade e intensidade dos acontecimentos que alteraram seu cotidiano, essa sociedade indígena que foi “falada”, pela força econômica e discursiva do poder hegemônico, na multiplicidade de experiências contrastantes, (re)coloca a sua voz; constrói a sua autoria.

Neste trabalho, fruto de pesquisa de cunho etnográfico (ERICKSON, 1984, 1987, 1989) e colaborativo (CAMERON et al., 1992) na área da Linguística Aplicada, em sua interface com a Antropologia, tento retomar minha experiência de campo entre os Pataxó de Coroa Vermelha durante o ano de 2000, que resultou na tese intitulada *Lições de abril: construção de autoria entre os Pataxó de Coroa Vermelha*. A análise etnográfica aborda aspectos das práticas discursivas dos sujeitos da pesquisa para compreender o que estou chamando de **construção de autoria** no processo de afirmação política e cultural dessa sociedade indígena. Além disso, o **pesquisador** - ele mesmo também um **professor** em formação - inicialmente convocado para a observação da escola indígena na tentativa de colaborar no processo de formação do professor indígena em serviço, define também um movimento de autoria, principalmente ao deslocar-se na direção do contexto mais amplo, contrariando as definições acadêmicas do projeto inicial nas quais se pautava a pesquisa, centrada no microcosmo da escola indígena.

Por **construção de autoria** entendo as práticas discursivas, realizadas individual ou coletivamente, no sentido de deslocar determinadas posições historicamente estabelecidas. Retomando as práticas discursivas como práticas sociais, movimentos ou percursos próprios, na maioria das vezes invisibilizados, com que os sujeitos enfrentam a ordem dominante, defino **construção de autoria** como práxis – fazer refletido (CASTORIADIS, 2000) –, ou “apropriação”, no sentido de “tornar-se próprio” (DE CERTEAU, 1985), quando o sujeito do discurso, no processo de interlocução, marca a sua “diferença” (BAKHTIN, 1997).

Entendendo **autoria** enquanto práxis, privilegia-se o seu aspecto sócio-histórico e não-reiterável enquanto acontecimento, na medida em que o enunciado é

---

<sup>1</sup> Estou denominando “acontecimentos de abril” as ações governamentais para as chamadas Comemorações do V Centenário do Descobrimento do Brasil, e os atos do Movimento Brasil - Outros 500, da Marcha e Conferência Indígenas e da Marcha do MST, que culminam com os acontecimentos em 22 de abril de 2000, tendo como foco os 500 anos do Brasil. Esses acontecimentos relacionam-se às diversas intervenções do governo na área indígena para realizar o seu projeto comemorativo. Entre elas, estão a implantação do Mini- Parque de Coroa Vermelha, que implicou profundas modificações na terra indígena, com demolições e remoções de ocupações indígenas e não-indígenas e a repressão policial às manifestações do Movimento Brasil Outros 500 no período das comemorações dos 500 anos.

um acontecimento discursivo único, um todo acabado, que se constrói socialmente, mas, como tal, faz parte de uma cadeia sócio- discursiva em que todo e qualquer dizer se insere (BAKHTIN, 1997). Assim, a **construção de autoria** invoca a possibilidade de deslocamentos produzidos por atores sociais nas suas práticas discursivas. Para enfatizar o caráter sócio-histórico da **autoria**, associe esse conceito tal como formulado aqui ao de **autonomia** (CASTORIADIS, 2000); autonomia como instância de enfrentamento da heteronomia, ou regulação pelo outro. Então, autoria, nesse contexto, pode ser entendida como uma práxis em que os diversos sujeitos envolvidos, de forma complexa e contraditória em si mesma, apropriam-se das condições dadas e respondem a elas com a marca das diversas subjetividades que se constituem e constituem esse processo de interação e atuação políticas em direção à sua autonomia.

## 1. OS PATAXÓ DE COROA VERMELHA

Os Pataxó são hoje a sociedade indígena mais numerosa no Estado da Bahia, com mais de 6.000 representantes entre os chamados Pataxó Meridionais e Pataxó Hã-Hã-Hãe, distribuídos em 18 aldeias<sup>2</sup>. Apesar dessa dispersão, os Pataxó encontram-se num significativo processo de organização e articulação política nas duas últimas décadas, realizando várias retomadas das suas terras e lutando pela regularização da sua posse. Com propósitos e demandas políticas específicas, têm afirmado a organização entre si como fundamental para o seu fortalecimento étnico e político, em virtude da desvantagem em que se encontram diante do governo e do Estado nacional brasileiro. A luta pela terra e por outros direitos, a exemplo da educação escolar indígena, imbrica-se também nesse esforço de reafirmação étnica e política.

A Aldeia de Coroa Vermelha, a maior das aldeias Pataxó, começa a se formar no início da década de setenta, por pataxós que vêm principalmente da Terra Indígena de Barra Velha e Monte Pascoal, em busca de trabalho e melhores condições de vida. Situa-se em pólo turístico, no município de Santa Cruz Cabrália, entre Porto Seguro e Belmonte, nos km 76 a 79 da BR-367. Como aldeia, experimenta um crescimento populacional surpreendente, se considerarmos que, no ano de 1989, possuía um quadro de aproximadamente 200 indivíduos no inverno e 350 no verão (BIERBAUM, 1990), e em 2001 a sua população gira em torno de

---

<sup>2</sup> São dos Pataxó Meridionais, ou Pataxó do Monte Pascoal, as seguintes aldeias: Águas Belas, Aldeia Nova do Monte Pascoal, Aldeia Velha, Barra Velha, Boca da Mata, Caí, Coroa Vermelha, Corumbauzinho, Guaxuma, Imbiriba, Meio da Mata, Mata Medonha, Trevo do Parque. Além disso, tem-se a Terra Indígena Fazenda Guarani, em Minas Gerais, cujos habitantes, chamados Pataxó de Minas, tem Barra Velha como referência identitária, como aldeia-mãe. Ocupando outro território, ao sul do Estado, encontram-se Aldeias Pataxó Hã-Hã-Hãe de Caramuru, Baheté, Panelão e Nova Vida (Dados fornecidos pela ANAI-BA).

2.300 habitantes<sup>3</sup>, número que aumenta quando chega a época da alta temporada turística, com a vinda de parentes de outras aldeias para trabalhar ou participar das festas de fim de ano.

Como um núcleo que se foi formando paulatinamente com a vinda de diversos pataxós de outras aldeias, principalmente Barra Velha, ou mesmo pataxós desaldeados, apresenta-se hoje como uma comunidade heterogênea, e com uma dinâmica interna bastante complexa. Se é certo que alguns de seus representantes, quando falam da aldeia, tratem-na por “a comunidade” – que, segundo os próprios índios, “são todos os índios ali” – também demonstram organizá-la a partir de ramificações maiores de parentesco direto e são bastante diversas as redes de relações que estabelecem entre si, bem como as cargas semânticas atribuídas às práticas sociais locais.

Durante o período das comemorações dos 500 anos, a comunidade Pataxó de Coroa Vermelha ganha especial destaque porque o seu território abriga o lugar onde foi rezada a primeira missa do Brasil, “lócus” de eventos previstos no programa comemorativo oficial. A realização desses eventos implicou inclusive a retirada de diversas habitações de pataxós do lugar num período muito exíguo de tempo, numa violência explícita à comunidade indígena. Além disso, foi também o lugar escolhido pelo Movimento Brasil Outros 500<sup>4</sup> para a realização da I Conferência Indígena, resultado da Marcha Indígena, que concentrou mais de 3.000 representantes indígenas de mais de 150 etnias, provindos das mais diversas regiões do país.

### 3. AS LIÇÕES DE ABRIL

Na análise dos acontecimentos, destaco apenas alguns pontos do que considero as melhores “lições de abril”. Digo “lições” porque foi possível aprender algo sobre relações interétnicas na complexa rede em que se conectavam aspectos internos da comunidade indígena e um conjunto diversificado de interesses no âmbito nacional e global, entre várias outras questões, inclusive teóricas. A análise desses pontos expõe alguns mecanismos da resistência indígena, ao discutir como representantes pataxó atuaram no sentido de metaforizar a ordem dominante, a partir de uma lógica que se situa num tempo e espaço próprios, ditados pelo *ethos* Pataxó.

Desse modo, são seis as “lições” que se relacionam diretamente aos acontecimentos de abril: 1. a implantação da cruz de Mário Cravo Neto, em

---

<sup>3</sup> Segundo informações obtidas com membros Pataxó da comissão de coordenação do projeto de construção de habitações na aldeia.

<sup>4</sup> O Movimento Brasil Outros 500 foi uma tentativa de articulação dos diversos segmentos e organizações populares para produzir um contradiscurso ao projeto do governo brasileiro para as comemorações dos 500 anos, com vistas a expor uma outra leitura dos fatos históricos e a situação em que se encontram os povos subjugados no processo de construção da nação brasileira.

substituição à cruz de pau brasil que existia há mais de 20 anos na Aldeia - referência para a identidade étnica desse grupo. Esta cruz antiga, um ano depois é retomada e recolocada no seu lugar de origem, contrapondo-se à recomendação governamental que proíbia a exposição das duas cruzes no mesmo lugar; 2. a reconstrução do Monumento à Resistência dos Povos Indígenas na América Latina, que teve a primeira iniciativa de construção pela comunidade Pataxó abortada pela intervenção da Polícia Militar, no período de abril de 2000<sup>5</sup>; 3. a condução política das lideranças Pataxó durante a Conferência e Marcha indígena; 4. a resistência das mulheres Pataxó na defesa da sua permanência no seu território contra a remoção imposta pelo governo; 5. o trabalho de retomada e conservação de uma reserva de Mata Atlântica, cujo grupo responsável dá sustentação à participação dos Pataxó na missa dos 500 anos de Evangelização do Brasil, que culmina com o discurso de Matalawê Pataxó no referido evento (lição 6).

Também interpreto como uma lição de abril, o processo de construção e implantação do primeiro ano da nova Escola Indígena Pataxó de Coroa Vermelha. Constata-se que a escola é uma “construção de autoria” na medida em que os diversos fazeres/saberes circulam a partir de uma práxis que a constitui como instituição mas ao mesmo tempo corrói o instituído na sua singularidade. A conquista da gestão da escola pelos professores indígenas, como um gesto de autonomia, sintoniza-se com a vocação e o projeto do povo Pataxó. No entanto, a gestão indígena da escola só se concretiza em determinadas condições, e uma delas foi dada pelo momento histórico das comemorações dos 500 anos. Na medida em que a escola é um microcosmo desse mundo social, político, cultural, de dentro e de fora da aldeia, em estreita conexão, a escola se constrói e reconstrói sintonizada com o projeto político e as vocações da comunidade indígena. Nesse sentido, para ter maior lucidez da sua dimensão sócio-histórica, o pesquisador precisou olhar para a comunidade indígena e para os referidos acontecimentos, sair literalmente da sala de aula.

Quanto à pergunta central da pesquisa, “**como se constrói a autoria na formação do professor?**”, ao me fixar na construção da autoria/autonomia na dimensão dos acontecimentos de abril, e ao me dar conta de que o investimento da pesquisa na escola propriamente dita foi redirecionado, a minha primeira iniciativa foi reescrever a pergunta. Mas, ao voltar ao texto, constatei que a pergunta foi abordada na própria reflexibilidade que permite a prática etnográfica. Ou seja, o professor estava lá, também fora da escola e do curso de formação, nos espaços de construção política, social e cultural da sua aldeia, e ali também ele se formava e essa inserção era fundamental para construir a sua “autoria/autonomia”.

---

<sup>5</sup> Esse monumento foi reconstruído, pelos Pataxó, cerca de um ano depois, no Monte Pascoal.

#### 4. ALGUMAS QUESTÕES DE METODOLOGIA E ÉTICA

Como objeto de reflexão teórico-metodológica, o próprio fazer etnográfico trouxe elementos para a re-elaboração dos instrumentos teóricos disponíveis e favoreceu à articulação das categorias utilizadas na análise dos dados, com a redefinição dos conceitos de autoria e autonomia, e a explicitação de alguns mecanismos de construção da autoria.

No decorrer da investigação de campo, atenta para as intervenções que resultavam das minhas atividades como observadora/pesquisadora, pude também entrever diversos conflitos e contradições, que trouxe para o texto e constituem uma vertente aberta para reflexão mais cuidadosa, que considero mesmo urgente, no sentido de discutir, como propõe KNIJNIK (1996), sobre o que fazemos nós, intelectuais, quando em contato com as minorias, como professores, assessores ou pesquisadores. Obviamente, toda e qualquer análise auto-reflexiva, por mais rigorosa que seja, também tem os seus limites, que ficaram muito claros, para mim, quando, no decorrer da experiência de campo, pude, do outro lado, observar práticas discursivas que envolviam agentes externos que, como eu, transitam na rede complexa de relações que chamávamos “comunidade indígena”. Em outras oportunidades, esses *insights* eram proporcionados pela interlocução com as minhas orientadoras ao interpretarem as contradições do meu próprio discurso.

Os dilemas, portanto, são vários e de várias naturezas, mas ocupei-me apenas de dois aspectos:

- a) o dilema do “lugar próprio” (DE CERTEAU, 1985), ou seja, o trabalho nas fronteiras das disciplinas e a constatação do quanto esse território é movediço. Para isso, retomo o percurso que me conduziu a esta pesquisa, situando os campos de saber em que transitei e os impasses que foram constantes no meu próprio percurso acadêmico, principalmente durante a realização da pesquisa; e,
- b) o trabalho etnográfico, sobre o qual abordo algumas questões mais evidentes, a partir da experiência de campo, para alinhar possíveis contribuições e problemas no campo da Linguística Aplicada que dizem respeito às relações entre conhecimento e poder.

#### 5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso de pesquisa e escrita da tese foi uma experiência fundamental para definição dos próprios instrumentos da análise, que desejo provisórios, como forma de estabelecer uma discussão, no campo aplicado, que possa realmente trazer algumas pistas para uma maior compreensão do nosso papel enquanto pesquisadores

em contato com grupos ou povos historicamente subjugados, principalmente quanto aos interesses e utopias que conduzem hoje a sua trajetória em busca da autonomia.

Pensar nessa direção significa que precisamos, ao fazer LA ou Antropologia, discutir as políticas de ensino e pesquisa nas universidades públicas, o ensino público em todos os níveis oferecidos no Brasil, os orçamentos e recursos destinados à educação diferenciada, à pesquisa, e as maneiras de conseguir colocar na formulação das políticas de pesquisa um compromisso com essa realidade.

Acredito que deveria haver uma margem de interlocução, nas nossas motivações e resultados de pesquisa, no sentido da consideração dos projetos dos povos com que trabalhamos. Aliás, essas possibilidades de pesquisa já estão sendo tentadas isoladamente por grupos de pesquisa que se articulam de variadas formas no universo dos programas de pós-graduação. Contudo, ainda parece necessário fortalecer e ampliar essas redes. Creio que, na medida em que o ato de pesquisa não seja apenas uma circunstância isolada na vida de um ou outro pesquisador, mas se inscreva numa prática científica delineada a partir de um projeto político, teórico e ético comum, tudo isso implicará numa mudança significativa do instrumental teórico-metodológico. Até porque, se houve uma lição que foi aprendida entre os Pataxó, é que não é mais possível fazer do jeito que sempre foi feito.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BAKHTIN, M. (1988). *Marxismo e filosofia da linguagem*. São Paulo: Hucitec.
- \_\_\_\_\_. (1990). *Questões de literatura e estética*. Tradução de Aurora Bernadini et al. São Paulo: Hucitec/UNESP.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Estética da criação verbal*. Tradução de Maria Pereira. São Paulo: Martins Fontes.
- BIERBAUM, B. (1990). Fazer a flecha chegar ao céu novamente. München (datilografado) 6p.
- CAMERON, D. (1992). et al. *Researching Language: issues of power and method*. London: Routledge.
- CASTORIADIS, C. (2000). *A Instituição Imaginária da Sociedade*. Tradução de Guy Reynaud. São Paulo: Paz e Terra.
- DE CERTEAU, M. (1985). *A Invenção do cotidiano: as artes do fazer*. Tradução Ephain Alves. Petrópolis: Vozes.
- ERICKSON, F. (1984). What makes school ethnography ethnographic? *Anthropology and Education Quarterly*. [s. l.] n.15.
- \_\_\_\_\_. (1987). Transformation and school success: the politics and culture of educational achievement. *Anthropology and Education Quarterly*. [s. l.] 18/4, pp. 335-336.
- \_\_\_\_\_. (1989). Metodos Cualitativos de Investigación sobre la Enseñanza; in: M. WITTRICK. *La investigación de la enseñanza, II: métodos cualitativos y de observación*. Ediciones Paidós. Barcelona.
- KNIJNIK, G. (1996). *Exclusão e resistência: educação matemática e legitimidade cultural*. Porto Alegre: Artes Médicas.